



Alexandra Inácio
alexandra.inacio@jn.pt

ENSINO Ainda há "algumas" vagas nos centros de explicação, mas diretores ouvidos pelo JN garantem que a procura voltou a aumentar no arranque deste ano letivo. No Algarve, uma das razões apontadas é a falta de professores nas escolas. A mudança no modelo de exames é referida em Lisboa e no Porto. Transversal, além do aumento da procura, é a maior dificuldade no recrutamento de explicadores.

Com muitos alunos, sobretudo do Secundário e Superior, em regime online, os centros conseguem multiplicar a disponibilidade dos explicadores e o número de explicandos. Ainda assim, assume ao JN o diretor-geral do Explicolândia, José Carlos Ramos, as dificuldades no recrutamento já levaram, no ano passado, a listas de espera nas disciplinas mais concorridas, como Matemática ou Português.

"Neste momento, ainda há vagas. Muitas famílias fazem as inscrições só depois de sabe-

Procura por explicações aumenta e até cria listas de espera

Falta de professores nas escolas contribui para subida. Centros têm maiores dificuldades no recrutamento de explicadores.

rem os horários das aulas, mas as horas para explicações individuais e presenciais acabam depressa", explica José Carlos Ramos. Antes, havia um pico no 3.º período para a preparação dos exames. Nos últimos anos, a procura aumentou, são cada vez mais os que querem vaga desde o início das aulas e há, pelo menos, mais um pico: o início do 2.º período.

MATEMÁTICA E PORTUGUÊS Matemática, desde o Básico, é

a disciplina mais procurada. Português também, sobretudo desde que no ano passado voltou a ter exame obrigatório no 12.º ano. Depois, Física e Química e Biologia.

No Einstein Explicações, de Faro, a diretora Alexandra Quintas garante que a falta de professores nas escolas fez a procura disparar neste arranque de aulas.

"Recebi telefonemas e mails nas férias, de pais desesperados para assegurarem vagas e

no máximo de disciplinas possível. Tenho muitos explicandos ainda sem os professores todos", refere Alexandra Quintas. Em Lisboa, a diretora do "Pi R Quadrado", Rafaela Dias, revela que no ano passado teve alunos sem aulas de Inglês e de Matemática quase o ano inteiro. Já Leonor Sousa, diretora do Centro de Explicações da Boavista, no Porto, assegura que a falta de docentes não é determinante. Estima ter vagas até final do mês e

refere estar a ter maior procura a Geometria Descritiva - foi o único exame com média negativa, o que obriga muitos alunos a terem de repetir a disciplina, nota.

Os quatro apontam as dificuldades no recrutamento, um problema que começa a impedir a oferta de crescer e corresponder à procura. Ainda há professores nos centros, mas são cada vez menos. Contratam licenciados, preferencialmente com experiência, sobretudo em part-time. "Têm de conhecer os programas nacionais", aponta Leonor Sousa, assumindo que muitos docentes profissionalizados preferem dar explicações em casa e, desde a pandemia, em regime online.

O presidente do Conselho Nacional de Educação, Domingos Fernandes, defende a regulação da atividade, ao nível das qualificações dos explicadores (ler entrevista ao lado). A presidente da Confederação Nacional de Pais, Mariana Carvalho, concorda que são precisas regras, mas considera muito difícil a fiscalização das explicações em casa. ■

Centro em São João da Madeira, Explicolândia recebe alunos desde o 1.º Ciclo. Matemática é a disciplina mais procurada



Preços, regras e estatística

Valores médios

Os preços variam consoante os anos de escolaridade, as zonas do país ou a modalidade escolhida. Por exemplo, em Lisboa, no 1.º Ciclo, podem oscilar entre os 13 e os 20 euros e, no Secundário, entre os 18 e 24 euros por hora.

Ao domicílio

Diversos centros oferecem a modalidade de explicações ao domicílio. Também há quem tenha salas de estudo, sobretudo para alunos do Básico, e até apoio pedagógico e cursos de línguas.

Recomendação CNE

O Conselho Nacional de Educação emitiu, em 2024, uma recomendação que defende a fiscalização e regulamentação das explicações.

Proibição a docentes

Desde 2005, os professores podem acumular horário em centros, mas estão impedidos de dar explicações a alunos das escolas onde dão aulas.

29,3% de alunos

O inquérito no final do ano 2018/2019 aos alunos à saída do 12.º, pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência, revelou que 29,3% responderam recorrer a explicações fora da escola, 42,3% dos quais de cursos científico-humanísticos.

Online garante estudantes do Equador a Macau

Alunos estão menos autónomos e mais preguiçosos desde a pandemia, avisam diretores

TENDÊNCIAS As explicações online foram a tábua de salvação na pandemia e vieram para ficar, sendo sobretudo procuradas por estudantes do Secundário e do Superior. Permite poupar tempo nas deslocações e tem horários mais flexíveis, conseguindo os centros chegar a mais alunos com menos explicadores.

"A plataforma permite explicações individuais e uma comunicação constante com os explicadores e muitos alunos preferem esse modelo", afirma José Carlos Ramos. No ano passado, o Explicolândia tinha alunos nos Países Baixos que haviam frequentado o Colégio Americano em Sintra ou das escolas portuguesas no Brasil e Angola. Em Lisboa, o "Pi R Quadrado" tem alunos na modalidade online de Cascais ao Porto, passando por Portalegre - zonas sem vagas que levam as famílias a recorrer à modalidade à distância, explica Rafaela Dias. No ano passado, o centro deu explicações a estudantes da Escola Portuguesa de Macau.

O "Einstein", em Faro, tem tido procura por alunos do Equador e de outros países da América Latina. "São estudantes que pretendem concorrer a universidades portuguesas e querem preparar-se para os

exames", explica Alexandra Quintas. Mas, o centro tem explicando que vivem em Albufeira e preferem esta modalidade.

SEM MILAGRES

Outra tendência recente que conduz a maior procura de explicações é a mudança no perfil dos alunos. José Carlos Ramos, diretor-geral do Explicolândia, que recebe alunos desde o 1.º Ciclo, alerta que estão "menos autónomos e manifestam cada vez menor capacidade de concentração e de trabalho". E os pais "esperam que as explicações colmatem, porque em casa não conseguem resolver. Estudar com o telemóvel ao lado, por exemplo, reduz drasticamente o foco. Queixam-se dos trabalhos de casa, mas estes são fundamentais para adquirirem ritmos de trabalho", diz.

Rafaela Dias concorda que, desde a pandemia, os alunos estão "mais dependentes", sobretudo os mais novos, do Básico, "não conseguem estudar sozinhos em casa". "São a geração do instantâneo, não são tão trabalhadores", insiste.

"A aprendizagem é um processo gradual, as explicações não fazem milagres", frisa José Carlos Ramos.



Centro Explicolândia tem alunos no estrangeiro